



Três Médicos Escritores

Rui Ribeiro

Entre a legião de médicos brasileiros que se dedicaram à literatura, figuram os prolíferos Joaquim Manuel de Macedo, Moacir Scilar, recentemente falecido, e Manuel Antonio de Almeida, consagrado pelo romance “Memórias de um sargento de milícias”. Bastante extensa, a relação inclui o memorialista Pedro Nava e Gastão Cruls, que trocou a ciência pelas artes, deixando expressivo legado de obras ficcionais.

Aparecidos sequencialmente no último ano da década de cinquenta e nos dois primeiros da seguinte, bem recebidos pela crítica mas quase desconhecidos nos dias atuais, três livros de estréia, escritos por médicos, guardam coincidências entre si. Um de seus autores é do sul de Minas Gerais, outro do norte e outro da capital do estado. Ao que parece a atividade literária sucedeu ao final da carreira profissional, tendo como matéria-prima reminiscência pessoais.

A trama de “Janela da rua do Alecrim”, publicado pelo belorizontino Armando Pardini em 1959 desenrola-se numa localidade imaginária do interior mineiro – Bom Jesus do Alto – perdida entre serrarias. Na pacatez dos dias de poucas novidades, movimentam-se tipos comuns como o comerciante sírio, o padeiro, o rábula pretensioso, fazendeiros. Em encontros diários no bar da praça e na botica, discutem-se e solucionam-se os problemas mundiais e se comentam os acontecimentos corriqueiros. Ganham proporções inusitadas as boatarias sobre namoros e os rumores a respeito da existência de fantasmas na centenária igreja matriz.

O jovem poeta Crisóstomo adquire força de personagem principal à medida em que o enredo toma consistência. Mal compreendido num meio onde grassa a ignorância, ele sonha com a glória de ver seus méritos literários reconhecidos. Conta somente com o incentivo de dona Milu – a professora solteirona aposentada da janela da rua do Alecrim. Alcança finalmente notoriedade nacional, não pela letras, cujo exercício abandonara, mas na posição de industrial bem sucedido em que se transformou,



por acaso. E é recebido com foguetes, discursos e música pelos conterrâneos por conta das obras de benemerência que patrocinou em sua cidade.

Ilustrado com desenhos do próprio autor, o livro se caracteriza como singelo romance de costumes, escrito num estilo elegante.

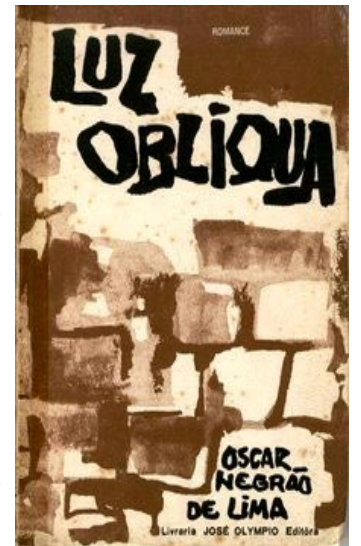
Nascido em Montes Claros e irmão do consagrado literato Cyro dos Anjos, Waldemar Versiani dos Anjos nada lhe fica a dever como escritor. O romance “Jornal de Serra Verde” (1960) foi concebido com fragmentos de memória juntados com a argamassa da ficção para compor painel que Carlos



Drummond de Andrade definiu como “um pedaço do interior do Brasil visto com ternura e humor.” É rural o ambiente em que atua o Dr. Sebastião de Matos Queiroz e Melo – Dr. Tião – em seus primeiros tempos de médico no distante e fictício povoado de Serra Verde, região de Guanhães, para onde se desterrara na tentativa de curar a si próprio dos males de uma dor-de-cotovelo. Por inúmeras vicissitudes passou o então inexperiente facultativo, desde a inexistência de maiores recursos para o exercício da profissão até os fatores ligados às distâncias e aos meios de locomoção disponíveis para ir socorrer doentes em lugares ermos de difícil acesso. Fazendo amizades e conquistando a simpatia do povo, foi-se deixando ficar no lugarejo, não o abandonando nem mesmo depois que o governo desativou o Posto de Higiene que ajudara a instalar. É que, aos poucos, o Dr. Tião se afeiçoara à vida simples da pequena comunidade, participando das partidas de pôquer e de truco entre rodadas de cerveja, das conversas na botica, dos bailes e festas de casamentos. Testemunhou ocorrências curiosas, como a do carcereiro que, em ofício ao juiz, comunicou-lhe haver “libertado preso sob sua guarda, em virtude do seu falecimento”. Nos casos médicos que permeiam a narrativa, desde os dolorosos aos humorísticos, prevalece o humano sobre o científico e o esforço constante do esculápio para não se habituar friamente à aceitação da morte, sobremaneira a de pessoas de seu conhecimento e convívio.

O estilo personalíssimo de “Jornal de Serra Verde” foi definido pelo escritor português Fernando Namora como um “dos mais puros, dos mais ricos de seiva, um estilo que honra a nossa língua, recolorindo-a e recriando-a, embora lhe seja bem fiel.” E sobre o fato de se tratar de autor estreado, arremata: “uma literatura que dispõe de “desconhecidos” deste porte é de fato uma literatura pujante.”

Aos 66 anos de idade, após ocupar por várias décadas a cátedra de Medicina Legal na Universidade de Minas Gerais, Oscar Negrão de Lima trocava o rigor da linguagem científica pela literária com o romance “Taquaril” (1961). A obra apresenta nítidas características de autobiografia romanceada. Criatura e criador se confundem na trajetória do médico Carlos Adriano da infância à maturidade, composta por “...cenários e personagens, algumas vezes imaginados, de resto, tudo enfeitado pelos adornos coloridos da ficção”. A linguagem é ágil e saborosa, principalmente nas cenas da vida pueril na velha casa paterna de arraial, ou na chácara dos avós, em Belo Horizonte, capital ainda vacilante, “...onde tudo estava começando e para ficar bom ia custar.” Em certos trechos o autor abusa de termos técnicos na descrição de casos e procedimentos médicos, reflexo, sem dúvidas do catedrático afeito a aulas, discursos e conferências.



A escassa produção posterior confirma as qualidades das três estréias tardias. Em “Simplicio” e “Barca de Aposentados”, Waldemar Versiani dos Anjos traz o Dr. Tião ao ambiente de Belo Horizonte dos anos 30, já com traços definidos de metrópole em expansão, que está presente também em “Luz Oblíqua”, de Oscar Negrão de Lima. Com “Maria das Bonecas”, Armando Pardini encerra sua contribuição às letras.

Rui Ribeiro é escritor, crítico literário, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo e membro da União Brasileira de Escritores.

O V Congresso Brasileiro de Escritores

A União Brasileira de Escritores realizará O V Congresso Brasileiro de Escritores, de 12 a 15 de novembro de 2011, no Centro Universitário COC Ribeirão Preto.

O primeiro Congresso foi realizado em 1945, no Teatro Municipal de São Paulo, com a participação de nomes como Antonio Candido, Oswald de Andrade e Sérgio Milliet. O segundo foi realizado em 1947, Belo Horizonte, o terceiro, em Salvador, em 1950, e o quarto, em 1985, em São Paulo.

O V Congresso Brasileiro de Escritores terá uma vasta programação que abrigará mesas-redondas, debates, oficinas, programação musical, palestras e lançamentos de livros.

A União Brasileira de Escritores conseguiu apoio oficial da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto (por meio da Fundação Instituto do Livro), da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto e da Fundação Biblioteca Nacional.

Parabenizamos o presidente da UBE, Joaquim Maria Botelho, o comitê organizador e a diretoria, pelo trabalho que vêm realizando. O Congresso será mais um marco importante na história da entidade, das nossas Letras e da Cultura do nosso País.

Desejamos sucesso e êxito na realização do V Congresso Brasileiro de Escritores. *Linguagem Viva* noticiará e dará cobertura total.



Joaquim Maria Botelho

Destroços na correnteza

Rodolfo Konder

Memória

Somos nossa memória”, escreveu o genial Jorge Luis Borges, “este quimérico museu de formas inconstantes, e este amontoado de espelhos partidos”. Somos efetivamente nossa memória – individual, coletiva, nacional, histórica. E ela nos relembra, ensina, emociona, educa, protege, adverte. Pode até nos libertar. Basta não ignorá-la.

Ela nos mostra que mesmo os bosques apodrecem e se extinguem – como lembrava Alfred Tennyson – carregados pelas águas de um rio incontrolável. Desfizeram-se também naquele rio o Império Egípcio, junto ao Nilo, e o Império Britânico, às margens do Tamisa. Foi-se o Império Inca, como se foram igualmente com ele os conquistadores espanhóis liderados por Francisco Pizarro. Mais ao norte, os maias e os astecas – povos altamente sofisticados, que dominavam a matemática e a astronomia, além de desenvolver técnicas incríveis de construção e irrigação – também naufragaram nos rios implacáveis da História. Falavam com os deuses, mas naufragaram. E nada protegeu o Império Soviético das corredeiras do tempo, nem seus foguetes espaciais, nem suas armas nucleares. Sumiram assírios e caldeus, desapareceu a Babilônia.

A memória nos permite conhecer os enredos da aventura humana. Ela nos fala de todos os impérios, de todos os regimes, de todos os poderes que os homens acumularam – e perderam. Desvenda os mistérios do nosso passado, é um encontro dramático com a fragilidade dos povos, das culturas e das instituições.

No campo minado da violência, nossa memória registra centenas de guerras, milhões de mortos. Somente na Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945, morreram 50 milhões de seres humanos. Com o fim do conflito, entramos na Guerra Fria – a presença do Armagedon, durante mais de 40 anos, em nosso horizonte próximo. Uma espada nuclear descomunal que pendia sobre nossas cabeças. Esta disputa ideológica e econômica entre Estados Unidos e União Soviética envolveu conflitos frequentes, empobreceu a humanidade com o seu simplismo e emburreceu os seres humanos com o seu maniqueísmo.

Com a chegada ao poder, em Moscou, de Mikhail Gorbachov, as tensões diminuíram, até o almejado fim da Guerra Fria, em 1989. No dia 9

de novembro daquele ano, os alemães derrubaram a marretadas uma muralha de 160 quilômetros, erguida em 1961 para evitar as fugas dos que ainda sonhavam com a liberdade, na Alemanha Oriental. A muralha, conhecida como o Muro de Berlim, simbolizava a divisão do mundo. Parecia eterna a intransponível, mas caiu da noite para o dia, como um castelo de cartas. Então, veio finalmente a paz? Doce ilusão.

A partir dos anos 90, a memória registra o que a revista Newsweek chamou de “a volta do tribalismo”. Conflitos tribais, entre vizinho, multiplicaram-se, na Sérvia, na Moldávia, no Kosovo, na Chechênia, na Ossétia do Sul, em Ruanda. A violência se abateu sobre o Afeganistão e a Argélia, a Armênia e o Azerbaijão, o Burundi e o Líbano, a Serra Leoa e o Curdistão, o Tibet e a Córsega. A luta armada localizada varreu os cinco continentes. Chegamos ao século 21 sem sonhos e com algumas esperanças efêmeras. Talvez conseguíssemos finalmente aliar o pessimismo da razão ao otimismo da vontade. Mais uma ilusão. Logo ressurgiram os velhos lagartos, maiores e mais vorazes. A corrupção se generalizou. A droga cobriu todas as utopias. O nazismo saiu do túmulo para assombrar novamente o mundo com o seu fanatismo. Surgiu até um personagem lambrosiano, de olhos juntos e apertados, para negar o holocausto.

Hoje, as certezas dão lugar às dúvidas. O nazi-fascismo está aí mesmo. As pessoas que ainda se lembram olham-se num espelho partido. Vivem impensadas entre frágeis esperanças e profundas desilusões.

André Malraux previu que o século 21 seria “o século da cultura”. Neste momento sem ética, porém, a correnteza da História certamente nos carrega como destroços, na direção de um abismo insondável.

Rodolfo Konder é jornalista, diretor da ABI - Associação Brasileira de Imprensa - em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação.



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 60,00

Assinatura Semestral: R\$ 30,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Depósito: Banco Itaú - Rosani Abou Adal ME - agência: 0211- conta: 67518-6 - CNPJ: 61.831.012/0001-52

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902 São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 – CCM: 96954744 – I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.



Circo Mambembe

Paulo Bomfim

Quanta coisa pode acontecer em torno de um picadeiro! Isso ocorreu há mais de setenta anos. Era bem pequeno, mas guardei fatos e detalhes com nitidez.

Circo mambembe se instalava no Largo do Arouche, junto aos bebedouros verdes que davam de beber à sede de cavalos e de burros.

Sob a lona remendada, entre palhaços envelhecidos e amazonas que engordavam, a molecada aguardava inquieta o início da apresentação.

Acompanhado de meu pai eu ia registrando, no deslumbramento de meus seis anos, os lances do espetáculo.

Súbito, uma voz familiar soa na arquibancada:

– Porcaria de circo, não tem nem pessoal!

Era tia Alice, irmã de minha bisavó Leôncia, protestando.

O lutador de luta romana abre o desfile dos astros. Apenas a pele de leão velho cobre os músculos que clamam pela ação. Em pé, no meio do picadeiro, lança desafio à platéia: – Quem teria coragem de enfrentá-lo?

O silêncio desce do trapézio balouçante e envolve o respeitável público.

No meio do povo ouve-se uma voz:

– Eu aceito o desafio.

O arrepio percorre nossos nervos infantis.

Um vizinho da Rua Rego Freitas, o cirurgião Antônio Cãn-

dido Camargo, salta para arena despindo o paletó e arrancando a camisa.

Os dois gigantes se entrelham e principia o combate.

Alguns minutos mais tarde, o Camargão deitava por terra o desafiante. Com a careca e a bigodeira molhados de suor, o marido de D. Clementina se retira sob os aplausos do bairro.

Depois dos palhaços e dos equilibristas, entra em cena o atirador de facas que, gentilmente, pergunta ao público se alguém teria coragem de se submeter a uma prova de pontaria.

Um moço se levanta dirigindo-se para a arena.

Magro, alto, elegante, com o rosto coberto de sardas, nosso primo José Pinto Alves, o “Tico-Tico”, encosta o corpo na tábua e de braços abertos exclama:

– Pode começar.

As facas vão sendo atiradas formando na madeira a silhueta daquele que se tornou o herói de minha meninice.

Quando a última faca foi fincada, ouve-se um grito na platéia:

– É meu sobrinho, é meu sobrinho que está sendo assassinado!

Tia Alice, em sua miopia, reconheceu o “Tico-Tico” e ameaçava desmaiar.

A banda desafinadamente irrompe num dobrado.

O circo mambembe cobre-se de glória.

Paulo Bomfim é poeta e membro da Academia Paulista de Letras.

Os Contos de Anna Maria Martins

Fábio Lucas

“Katmandu” está no título de um conto e de uma coleção de estórias curtas de Anna Maria Martins (S. Paulo: Global, 2011), em quarta edição. A segunda parte inclui uma seleta das coletâneas anteriores. Um regalo para os leitores.

Qualquer leitor que compulsar os contos de *Katmandu* perceberá que Anna Maria Martins é visceralmente escritora. É que a história curta vem a ser a sua mais patente forma de composição. Dir-se-ia que ela nasceu para retratar circunstâncias especiais da condição humana. Ou seja, nasceu para dramatizar tanto os episódios da vida real como o universo imaginado.

Preocupa-a o ser na sua essência. Mais ainda o estar-no-mundo, pois as narrativas, de qualquer modo, expõem as limitações do ser humano. Agora, na Literatura, o ser travestido em sujeito da ação dramática, em personagem, entregue às próprias dúvidas e incertezas.

Como a contista desenvolve penetrante olhar crítico, observa por vezes suas criaturas com senso de humor, chegando, até, a submetê-las ao jogo de ironia. Tudo com a sutileza das belas Letras, sem a grosseria panfletária. Mediante frases límpidas, desnudas, atinge a atmosfera densa das ligações existenciais.

A vida moderna, contemporânea, está viva nos contos de Anna Maria Martins. “Katmandu” inicia a coletânea. É como se se apoiasse nos valores de hoje, com as demandas da juventude urbana. Conto antológico. Depois vem “A herança”. O leitor jamais terá lido testemunho tão chocante sobre a tortura. Traduz a intimidade de um serviço sujo que avilta a pessoa, a vida em sociedade, toda a humanidade. Diálogos escritos com uma força e maestria insuspeitadas.

“Contra-ataque”, a seguir, tematiza o assalto, os preparativos auto-defensivos, enfim, um trecho da violência generalizada. Difere o tratamento, não jornalístico propriamente, mas literário. O leitor avaliará.

Adiante com “Fundo de Gaveta”, agruras de uma escritora afundada no jornalismo. “Escanteio” mais uma vez explora o conflito de gerações, mas com leveza e ironia. “Contagem Regressiva (fragmentos)”, reminiscências da Segunda Grande Guerra; “Jó Versus ECT (da série Jó e as Agruras da Vida Urbana)”; “Jó no Super-Market (da série Jó e as Agruras da Vida Urbana)” e o seguinte são indescritível retrato da cidade contemporânea. O nome da personagem tem sentido bíblico. “Impotência (nada a ver com a sexual)”: recaída no tema da escrita literária como estorvo. “Júri Familiar”, os contos-situações vão-se dispondo, até que, vencido o *Katmandu*, surgem os da segunda parte, cortes sucessivos do olhar seletivo da autora. Sugestão: leia-se “HD 41” e veja-se o desempenho de um executivo vitorioso. Integra o jogo aparentemente paradoxal entre a opulência e a desdita. O conjunto atrai e aprisiona o leitor. Impõe-se pela qualidade das histórias selecionadas pela fascinante linguagem da contista. “Colagem” fecha o conjunto: erotismo reticente, interdito.

Duas forças estão sob a mira da ficcionista: o poder e a dominação.

Fábio Lucas é escritor, crítico literário, conselheiro da União Brasileira de Escritores e membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Mineira de Letras.

Débora Novaes de Castro

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

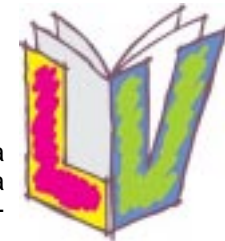


Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br
via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:
Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

Tatiana Belinky: a memória que ensina



Angelo Mendes Corrêa

Tatiana Belinky dispensa qualquer apresentação. Seu nome é uma verdadeira lenda. Há quase sete décadas, ininterruptamente, vem brindando o público jovem e adulto com suas belas histórias, seja através das adaptações de textos clássicos para o teatro e a televisão, seja por seus mais de cem livros publicados, suas traduções e artigos para a imprensa. Numa inesquecível tarde de primavera, Tatiana nos recebeu na casa em que mora desde os 50, no bairro do Pacaembu, em São Paulo, para uma longa conversa que acabou significando uma tocante lição de vida.

Angelo Mendes Corrêa: Gostaria que nos contasse um pouco de sua infância em São Petersburgo e em Riga.

Tatiana Belinky: Nasci em 18 de março de 1919. Minha mãe se chamava Rosa e era dentista. Meu pai, Aron e embora tenha começado o curso de psicologia, não chegou a concluí-lo. Ambos eram judeus. Mamãe era comunista convicta e mesmo grávida do primeiro filho foi a um comício do Trotsky e empurrada pela multidão, acabou por perdê-lo. Era tão ardorosamente comunista, que mesmo com a mudança de rumos da Revolução Russa, jamais conseguiu enxergar os erros que seus líderes cometeram. Já papai era um liberal, completamente diferente de mamãe. São Petersburgo tinha um clima péssimo, sempre muito fria, com temperaturas que chegavam a vinte graus abaixo de zero. Quando eu tinha pouco mais de um ano meus pais decidiram voltar para Riga. Nossa vida era de uma família de classe média, mas antes da revolução meus avós eram ricos. Todos os anos em julho íamos para uma temporada de férias na praia, eu, papai, mamãe e meus dois irmãos, o Abram, que a gente chamava por Abracha, e o Benjamin. O hábito da leitura era muito forte em nossa família e aos quatro anos eu já sabia ler.

AMC: E a chegada ao Brasil, como se deu?

TB: Cheguei ao Brasil em 29 de setembro de 1929, aos dez anos, após uma longa viagem de navio que demorou três semanas e que mesmo assim foi maravilhosa. Papai já tinha vindo para cá alguns meses antes. E aqui no Brasil a primeira coisa que me deslumbrou foi a banana. Costumo brincar que não deveria ser maçã a fruta que existia no paraíso, mas sim a banana (risos). Antes do desembarque final em Santos, passamos alguns dias no Rio de Janeiro, numa pensão em Laranjeiras. Quem apresentou a cidade de São Paulo para mim, mamãe e meus irmãos foi papai. Ao sairmos da Estação da Luz, pegamos um carro que passou por alguns lugares muito bonitos da cidade, como o Teatro Municipal, o Viaduto do Chá, e o prédio da Light. Fomos

então viver numa pensão da rua Jaguaribe, até que meus pais pudessem alugar uma casa só para nós, onde também funcionava o consultório de minha mãe.

AMC: E como foi aprender português?

TB: Ao chegar, eu já falava russo, alemão, latão e iídiche e é sabido que crianças aprendem novas línguas com muito mais facilidade que os adultos. Fui estudar numa escola alemã com meu irmão Abram, mas ficamos pouco tempo lá, pois era comum os professores baterem nas crianças e isso horrorizou os meus pais, que nos matriculou no Mackenzie, com classes mistas e um ambiente muito mais democrático, cuja biblioteca me encantou, apesar de não permitirem o empréstimo de alguns livros para crianças. Mas meu pai resolveu o problema, escrevendo um bilhete para a bibliotecária, no qual me autorizava a pegar qualquer livro do acervo, como os de Júlio Verne, que consideravam próprios apenas para meninos. No Mackenzie uma de minhas colegas mais próximas era a Gilberta Autran, irmã do Paulo Autran. Os dois iam sempre a minha casa para brincarmos de teatro. O palco era montado na garagem, com alguns panos velhos e nós colocávamos as cadeiras do lado de fora. A platéia eram os nossos pais e alguns vizinhos. Papai era nosso diretor. Chegamos até a nos apresentar no auditório do Clube Escandinavo, que funcionava na rua Nestor Pestana. No Mackenzie eu passei oito anos, saí de lá com o diploma de secretária bilingue.

AMC: Depois de formada no Mackenzie o que aconteceu?

TB: Fui cursar filosofia no Mosteiro de São Bento e consegui um emprego como secretária num frigorífico americano, onde fiquei pouco, pois embora ganhasse bem, eu achava tudo muito chato. Saí de lá e fui trabalhar num escritório de advocacia. O tal escritório era de faz-de-conta, pois o advogado nada fazia. Foi nessa época que eu conheci o Júlio, no casamento da irmã de uma antiga colega do Mackenzie. Após a cerimônia na sinagoga, pois os noivos eram judeus, fui com a Gilberta para o palacete em que os pais da noiva moravam, onde houve uma grande festa para mais de duzentas pessoas. Um amigo meu, chamado Alexandre, que também estava na festa, foi quem me apresentou o Júlio, que eu já tinha visto na sinagoga e, aliás, achado muito bonito. E ele estava embaixo de uma das mesas, com uma garrafa de champanhe ao lado, tão alto que não sei como não derubou a mesa (risos). Após sermos apresentados, ele virou-se para mim com uma voz bem pastosa e disse: "Tatiana, você quer se casar comigo?" (risos).

AMC: Então o namoro com o Júlio Gouveia começou assim?

TB: Na verdade, não, pois com o fim da festa voltei para casa e não mais o vi

por algum tempo, até que uma noite, quando saí da faculdade, estava com uma amiga na Praça do Patriarca esperando o ônibus para voltar para casa e dei de cara com o moço bonito que havia me pedido em casamento debaixo da mesa (risos). Eu estava com uma amiga e ele nos convidou para irmos ao cinema. Eu respondi que não iria ao cinema a três e ele, bem humorado, sugeriu que jogássemos cara ou coroa para ver quem o acompanharia. Acabei ganhando e fomos ver um filme com a Shirley Temple. E já no dia seguinte, ele me mandou lindas flores e um bilhete com um acróstico a partir de meu nome, do qual até hoje me lembro nitidamente:

Trazes no peito um sonho de ventura
Amável sonho que te embala a vida
Tornando-a suave e menos malsofrida
Irmão do seu sequioso de ternura
Arde outro sonho dentro do meu peito
Não te parece assim bela medida
Amaro-nos os dois num só proveito
E seis meses depois, estávamos casados.

AMC: Foi a partir do casamento com Júlio Gouveia que surgiu seu grupo de teatro?

TB: Meses após meu casamento, papai morreu num acidente aéreo. Foi um dos momentos mais tristes de minha vida, fazendo com que eu caísse numa depressão que durou três anos. Assumi então o trabalho de representação na área de celulose que papai fazia, embora muito muito triste. Júlio, recém-formado em medicina, começou a clinicar e pouco depois nasceu Ricardo, meu primeiro filho. Fizemos mais adiante um acordo com a companhia aérea pela qual papai viajava quando morreu e isso deu ao menos um alívio financeiro para a família. Começamos a partir daí levar mais a sério o trabalho com o TESP, Teatro Experimental de São Paulo, cuja sede passou a ser numa casa no bairro da Liberdade, recebida por herança pelo Júlio, pouco antes. O TESP era uma família, um trabalho apaixonante.

AMC: Foi com o elenco do TESP que começou o "Sítio do Picapau Amarelo" na televisão?

TB: Primeiro eu preciso contar minha história em relação ao Monteiro

Lobato, uma prova nítida de que eu na verdade nunca procurei nada na vida, as coisas é que sempre me procuraram. Uma noite tocou nosso telefone e do outro lado da linha uma voz masculina meio seca me perguntou se era da casa do Júlio Gouveia. Eu disse que sim e a voz masculina disse que era Monteiro Lobato e queria falar com ele, pois havia lido o artigo que Júlio tinha escrito sobre ele numa revista chamada "Literatura e Arte". De início, achei que era alguém tentando passar um trote. Imagine, Monteiro Lobato ligando para nossa casa! (risos). Lobato então disse a Júlio que gostaria de visitá-lo ainda naquela noite e pouco depois estava em nossa casa. Assim que Júlio abriu a porta, Lobato virou-se para ele e disse: "Na tua idade eu tinha a tua cara". Corri ligar para meu irmão Benjamin, que ainda era menino nessa época e fã do Lobato, como todos nós. A emoção foi enorme, afinal, o primeiro texto de literatura brasileira que eu li foi "Jeca Tatu", quando eu mal falava português. Infelizmente, Lobato morreu em 1948, pouco tempo depois de nos conhecer, mas chegamos a frequentar a casa dela. Foi ele quem me ensinou o respeito pela inteligência da criança, que me fez ver a facilidade que a criança tem para entender as coisas. E foi a esposa dele, D. Purezinha, quem nos deu autorização para adaptar o "Sítio do Picapau Amarelo". Foi uma época de trabalho frenético. Os textos eram feitos num mimeógrafo, que era a melhor tecnologia da época. O Júlio deixou de clinicar para dirigir o programa, que era levado ao vivo para o ar. Ficamos na Tupi até 1965 e três anos depois a Bandeirantes nos chamou e lá, já com o recurso do videoteipe, ficamos mais algum tempo, mas Júlio não se adaptou e acabou deixando definitivamente a televisão, voltando a clinicar.

AMC: E você, a que se dedicou a partir dali?

TB: Eu recebi um convite para organizar o setor infanto-juvenil da Comissão Estadual de Teatro. Criei, inclusive, uma revista, que se chamava "Teatro da Juventude". Pouco depois, fui convidada

Indicador Profissional



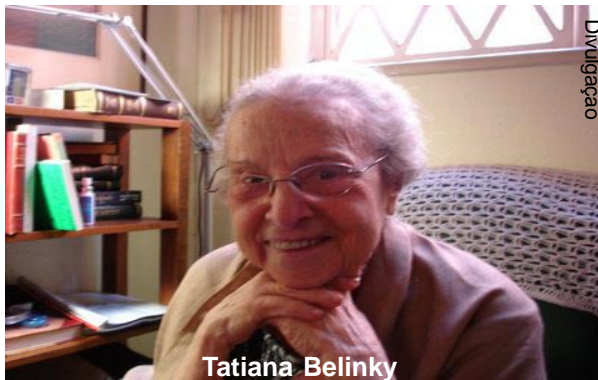
Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

pelo Boris Casoy para fazer duas colunas semanais na "Folha de S.Paulo", uma sobre teatro infantil e outra sobre literatura infantil. Dali eu fui para "O Estado de S.Paulo" e o "Jornal da Tarde". Virei jornalista mesmo, até com carteira da categoria. Em 1985 a editora Ática me encomendou um livro de contos, coisa na qual eu nunca havia pensado, mas respondi que mandaria uns quatro ou cinco para ver se eles gostavam. Gostaram



Tatiana Belinky

e eu acabei estreando literariamente com quatro livros logo de uma vez. E de lá para cá já são mais de 100 livros publicados, entre traduções, adaptações, poesia e prosa. Costumo dizer sempre que o livro é o único objeto maior por dentro do que por fora, afinal, dentro dele cabem até mesmo os dinossauros, os castelos, países inteiros (risos).

AMC: Como vê a atividade de tradutora?

TB: Minhas traduções foram quase sempre do russo e do alemão. Traduzi vários romances e peças de teatro, sobretudo do Tchecov, o mais querido de todos autores que já traduzi. Senão o maior, um dos maiores de todos os tempos. Dele traduzi, por exemplo, "A Gaiivota", "O Urso", "Os Males do Tabaco" e a "A Senhora do Cachorrinho", além de alguns contos que adaptei para televisão. Tchecov não escreveu propriamente para crianças, mas sobre crianças. E também sobre bichos. Eu o li pela primeira vez ainda criança e me apaixonei por suas histórias bem contadas, que me faziam rir, chorar, ter medo ou raiva com muita força. Não faz muito tempo, eu li um artigo no qual o autor afirmava que as obras russas ficam melhores quando traduzidas, opinião com a qual concordo. Poucos anos atrás, traduzi, a pedido do Iacov Hillel, uma peça chamada "Querida Helena", de uma autora russa, Ludmilla Razoumovskaya. A tradução francesa era muito empolada, formal e como o tema eram alunos que se preparavam para entrar na universidade, isso não tinha cabimento. Optei então por uma linguagem coloquial, pesquisando as gírias russas e o resultado foi tão positivo que a autora me escreveu para me cumprimentar pelo trabalho.

AMC: O que mais a tem marcado nos contatos com as crianças ao longo da vida?

TB: Posso dizer que tudo que sei aprendi com as crianças. Claro que os livros, o teatro e o cinema me ajudaram a aprender muito, mas na prática, foram as crianças que me fizeram aprender coisas maravilhosas. Meus filhos Ricardo e André, ainda crianças, me fizeram refletir sobre coisas extremamente importantes. Uma ocasião, por exemplo, o André, com menos de dez anos, virou-se para mim e disse que gostaria de ser muito rico para não precisar trabalhar. Disse a ele que não havia entendido, que aquilo não fazia sentido. Ele então me explicou que queria ser

muito rico para poder criar, estudar, fazer tudo aquilo que gostava e não por obrigação, apenas para ganhar dinheiro. Ricardo, por sua vez, aos doze anos, me perguntou se eu achava justo tratar os filhos de modo idêntico. Claro que eu disse sim. Ele então observou que não concordava, pois a seu ver os filhos nunca são iguais e tratar o desigual como igual não é nem um pouco justo.

AMC: Poderia nos dar a receita para uma vida tão produtiva e repleta de otimismo?

TB: Sempre digo que poesia e humor são duas coisas fundamentais em nossas vidas. Por mais difíceis que sejam as situações a enfrentar, devemos sempre buscar o que há de engraçado em nossas vidas. Meu pai e minha mãe tinham muito senso de humor e me passaram isso. Só assim, nós, judeus, podemos dar conta de dois mil anos de perseguições. Eu e Júlio nunca brigamos, porque eu o ensinei a ter senso de humor. Acho que isso é uma arte. Hoje se usa frequentemente a palavra tolerância, mas eu não gosto dela. Acho que tolerar é muito pouco. Nós precisamos mesmo é aceitar o próximo com seus valores, suas idéias, seu universo pessoal. Se apenas o tolerarmos, jamais chegaremos a aceitá-lo. As coisas sempre aconteceram com enorme naturalidade em minha vida. Ainda solteira, eu achava um horror as pessoas acharem que estivesse procurando um marido. Nunca fiz isso e acabei encontrando o Júlio embaixo de uma mesa numa festa de casamento (risos). Num dos meus livros, chamado "Acontecer", falo justamente sobre os acasos da vida. Qualquer coisa que aconteça com a gente pode virar uma bela história, é preciso apenas algum talento para fazer essa transposição do cotidiano. Estive casada por cinquenta anos. O Júlio morreu nos meus braços, de um enfarte, com um livro na mão, do jeito que sempre desejou. E além da dolorosa perda e meu pai, aos 46 anos, quando eu tinha 20, a morte de meu filho André, aos 26, num acidente automobilístico, foi das piores dores que senti na vida. Mas até hoje, todos os dias, através dos retratos deles nas paredes de minha sala, continuo conversando com eles.

Angelo Caio Mendes é professor universitário e Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP).

MÊS

Caio Porfírio Carneiro

Fim de mês. Sempre termina o mês. Qualquer mês. Eles se vão encadeando, inexoravelmente, tempo a fora. E o tempo passa, cumprindo a sua missão de tempo.

Suspiro:

- Como o tempo passa...

O amigo confirma:

- Verdade

Andamos, apenas andamos.

Não tínhamos para onde ir.

Olho para o céu sem nuvens:

- Que dia é hoje?
- Vinte e cinco.
- Este é o problema dos meses.

- Qual?

- De nenhum deles me sobra nada.

Continuamos indo devagar, cumprimentando desconhecidos que passavam.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista, crítico literário e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Vestibular & Concursos



Sonia Adal da Costa

1- Assinale a alternativa correta quanto à concordância:

a) Devem fazer anos que ele não aparece.

b) No relógio da matriz deu seis horas.

c) Existe muitos políticos corruptos.

d) Houve muitos políticos corruptos.

e) Devem haver muitos políticos corruptos.

Resposta: D

O verbo fazer ou a locução verbal quando se referir a tempo decorrido deve ficar no singular.

Na letra b, o verbo deveria ficar no plural concordando com o sujeito.

O verbo existir concorda com o sujeito da oração, portanto deveria ficar no plural.

O verbo haver, significando existir é impessoal, portanto deve ficar no singular.

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em *Teatro Infanto-Juvenil* pela Universidade de São Paulo.

LINGUAGEM VIVA

www.linguagemviva.com.br



Edição impressa
on line

(11) 2693-0392 - 7358-6255

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

O V Festival Internacional de Poesia

Idealizado pelo poeta e empresário José Eduardo Mendes Camargo, o evento acontece desde 2007, na cidade de Dois Córregos (SP). O *V Festival Internacional de Poesia* será realizado de 1 a 3 de julho, sexta e sábado, das 9 às 17h30 e, domingo, das 9 às 12 horas, no Hotel Estância Santa Paula, Avenida Gofredo Schilini, s/n.

Com o tema "Poesia, a arte do encontro", o *Festival* tem como objetivo disseminar a criação poética entre a população em geral.

O evento será aberto pelos Doutores da Alegria que, desde a década de 90, trabalham em conjunto com profissionais de saúde para auxiliar na rápida recuperação de crianças hospitalizadas. O grupo apresentará a palestra/espetáculo "Profissão Palhaço".

A programação inclui a participação de importantes poetas nacionais e estrangeiros, como Paula Wenke, responsável pela criação do Teatro dos Sentidos, que se baseia em técnicas de encenação para uma plateia de deficientes visuais e/ou pessoas com os olhos vendados, adaptando textos com o intuito de pro-



vocar o tato, olfato, audição e paladar. Através da palestra "Poesia Multimídia", Paula apresentará seu livro *Zoom in Zoom out*, onde faz a poesia extrapolar o verso.

Entre os palestrantes estão os poetas Paulo Netho e José Ricardo Grilo, que se apresentará com o músico Adriano Dirribeira; a secretária de educação de Dois Córregos, Rosa Laura Garcia Calacina; o poeta, ensaísta e cronista Affonso Romano de Sant'Anna; a escritora, jornalista e pintora Marina Colasanti; a poetisa, cronista, tradutora e compositora Flora Figueiredo; o escritor e poeta Luiz Coronel; o poeta Saldanha Legendre, além dos poetas Carlos Vásquez Tamayo, da Colômbia, Alfredo Fressia, do Uruguai e a poetisa portuguesa, Ana Vieira.

O *V Festival Internacional de Poesia* é um projeto realizado com o apoio do Governo de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura – Programa de Ação Cultural 2010 (ProAc).

Informações pelos telefones: (14) 3652-1265/ 3652-2288. **E-mail:** contato@usinadesonhos.org.br. **Site:** www.usinadesonhos.org.br

O Idealizador do Festival



José Eduardo Mendes Camargo

O poeta e empresário José Eduardo Mendes Camargo criou o Instituto Usina de Sonhos, entidade sem fins lucrativos reconhecida pela UNESCO (Órgão das Nações Unidas para o Desenvolvimento da Cultura) e referendada pelo Ministério da Cultura (MinC), que tem como missão inserir o ser humano desde a infância, nas várias formas de linguagem, em especial, a poética.

Notícias de Piracicaba

O Grupo Oficina Literária de Piracicaba (GOLP) realizará reunião no dia 11 de julho, segunda-feira, às 19h30, na Biblioteca Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto.

Os Representantes de Piracicaba na Fase Regional do Mapa Cultural Paulista 2011/2012 na modalidade Literatura são Leda Coletti, Carla Ceres e Carmen Pilotto (poemas); Carla Ceres, Ivana de Negri e Camilo Irineu Quatorollo (crônicas); Luzia Stocco, Cássio de Negri e Carla Ceres (contos).

O Sarau Literário Piracicabano, coordenado por Ana Marly de Oliveira Jacobino, será realizado no dia 19 de julho, terça-feira, das 19h30 às 21h30, no Teatro Municipal Dr. Losso Netto. O evento contará com a participação de Alexandre Bragion, Lucila C. Silvestre e Marquinhos.

A Ong Vira Lata

Vira Vida está vendendo chinelos ao preço R\$ 25,00, nos tamanhos do 33 ao 43. A verba será destinada para a compra de ração para os animais. O ponto de venda em Piracicaba é a Unisport, Rua Boa Morte, próximo ao colégio Dom Bosco.

Pelo correio, em todo o Brasil, será acrescentada a despesa do frete. Informações e pedidos: E-mail vanefepa@ig.com.br. Tel.: (19) 9775-2129 com Vanessa Paulete.

Festa de Contos na Floresta, narração de contos com Giba Pedroza, acontece no dia 25 de junho, sábado, às 16 horas, na Praça SESC. O evento abrigará duas histórias da tradição oral de diferentes culturas.

Congada e/ou o Divino e o Universo do Artista é o tema da exposição relâmpago que Roberta Lessa realizará no Casarão do Turismo, no final de junho e início de julho. Roberta está recebendo trabalhos para expor ligados ao tema nas diversas manifestações artísticas como Literatura, artesanato, artes plásticas, Pintura, etc. Os textos deverão ter 5 linhas no máximo. robertalessa@uol.com.br

Geraldo Victorino de França lançará *Aprendendo com o Voinho*, volume 3, no dia 1 de julho, sexta-feira, às 19h30, na Biblioteca Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto. Na ocasião também será lançada a terceira edição da Revista da Academia Piracicabana de Letras.

O 38º Salão Internacional de Humor de Piracicaba, que está com inscrições abertas até o dia 20 de ju-

lho, premiará na categoria Caricatura uma condecoração extra, cujo valor será de R\$ 3.100,00. A segunda premiação, instituída pela Câmara Municipal dos Vereadores de Piracicaba, fará parte

do acervo da Câmara dos Vereadores de Piracicaba e será escolhida em parceria entre o júri oficial e um representante dos vereadores. Informações e inscrições no site www.salaodehumor.piracicaba.sp.gov.br

O 9º Salãozinho do Humor de Piracicaba, destinado a jovens de 7 a 10 anos e 11 a 14 que estejam matriculados em escola, está com inscrições abertas até o dia 10 de agosto.



Programação

Dia 1º de julho, sexta-feira:

9h. - Abertura oficial do evento
9h30 - Palestra/espetáculo "A Profissão Palhaço", com os Doutores da Alegria

11h. - Oficina de Poesia "Soprador de Palavras", com Paulo Netho

14h. - Palestra "Sobre Dragões e Sonhos", com José Ricardo Grilo e Adriano Dirribeira

15h30 - Poesia na Escola, com Rosa Laura Garcia Calacina

Dia 2 de julho, sábado:

9h. - Palestra "Conversa", com Affonso Romano de Sant'Anna

10h30 - Palestra "Poesia desde sempre", com Marina Colasanti

14h. - Palestra "Poesia, Rima e Melodia", com Flora Figueiredo

15h30 - Palestra "As múltiplas faces da criação", com Luiz Coronel

16h30 - Palestra "A poesia de Carlos Saldanha Legendre"

Dia 3 de julho, domingo:

9h. - "Poesia Multimídia", com Paula Wenke e seu livro *Zoom in Zoom out*

10h30 - Versos diversos com os poetas Carlos Vásquez Tamayo, da Colômbia, Alfredo Fressia, do Uruguai e a poetisa portuguesa, Ana Vieira.

12h. - Encerramento

Lançamentos & Livros

Poetas da América de Canto Castelhana, seleção, tradução e notas de Thiago de Mello, Global Editora, São Paulo, 496 páginas, R\$ 79,00. A antologia inédita, que permeou a mente do poeta Thiago de Mello por vinte anos, reúne cerca de 400 poemas de 120 poetas da América Latina e de Porto Rico como Pablo Neruda, Jorge Luis Borges, Cesar Vallejo, Rubén Darío, Gabriela Mistral, Nicolás Guillén, José Assunción, Jaime Sabines, Ernesto Cardenal, Mario Benedetti, entre outros. Segundo Thiago de Mello, a obra coroa todo o seu trabalho no campo da poesia.

Global Editora: www.globaleditora.com.br

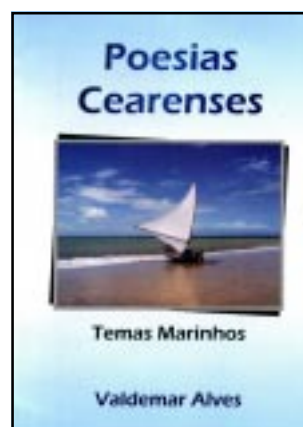
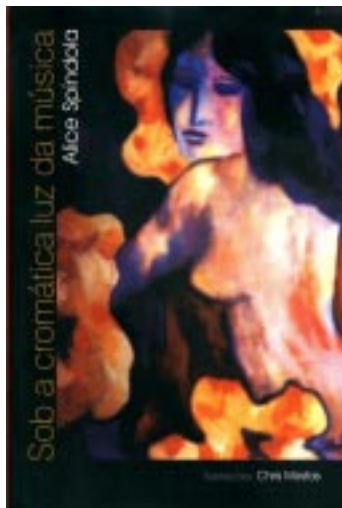


O Conto Brasileiro Hoje, volume XVI, RG Editores, São Paulo, 104 páginas. Participam da antologia os escritores A. Monteiro Filho, Adolpho Mariano da Costa, Beatriz Amaral, Caio Porfírio Carneiro, Divina Maria Pereira, Edward de Souza, Elza A. Ramos Amaral, Hugo Alberto Cuéllar Urizar, Izaura Marques Piffer, Joaquim Cavalcanti de Oliveira Neto, Leda Galvão de Avellar Pires, Lilia Aparecida Pereira da Silva, Luiz Augusto de B. Penteado, Luiz Clério Manente, Márcia Regina Moreira, Maria Lúcia Pinheiro Paes, Nazilda Corrêa, Rodolfo Konder e Rogério Ribeiro da Luz. ISBN: 978-85-7952-025-9

RG Editores: www.rgeditores.com.br

Sob a cromática luz da música, contos de Alice Spíndola, Editora Kelps, Goiânia, 183 páginas. A capa e as ilustrações são de Chris Mestas. A obra foi vencedora do *Prêmio Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos* - 2009. A autora é poeta, contista, ficcionista e ensaísta, com trabalhos traduzidos para o francês, inglês, alemão e húngaro. Segundo Lêda Selma, no prefácio, "Alice Spíndola, em *Sob a cromática luz da música*, arma, trama, desata, enlaça e surpreende. Faz da poesia também personagem, e lhe dá corpo, sangue e espírito."

Alice: alice.spindola@hotmail.com
Editora Kelps: www.kelps.com.br



Poesias Cearenses, de Valdemar Alves Júnior, Edição do Autor, Fortaleza, 24 páginas. O autor, poeta, cronista, bacharel em Ciências Sociais e Geografia, foi agraciado com o 8º *Prêmio Missões em Roque Gonzáles* e tem poemas traduzidos para o italiano. Os poemas, cuja melodia flui num ritmo cadenciado, são voltados para o tema marinho.

Valdemar Alves Júnior: Rua Livreiro Luis Maia, 100 - Luciano Cavalcante - Fortaleza - CE - 60810-701.

Concursos

7º Concurso Literário Mario Quintana, promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal no RS – Sintrajufe-RS, destinado a textos inéditos, categorias conto, crônica e poesia, está com inscrições abertas até o dia 18 de julho. O tema é livre. É obrigatório o uso de pseudônimo. Os interessados poderão inscrever um texto por categoria. As crônicas e as poesias deverão ter, no máximo, uma página, e o conto, duas páginas, digitadas em espaço um, letra Arial 12, em papel A4. Os trabalhos, em três vias, acompanhados de cópia em cd, com envelope menor anexo com os dados do concorrente, deverão ser enviados para a secretaria do SINTRAJUFÉ, Rua Marcílio Dias, 660 - 90130-000 - Porto Alegre – RS. **Premiação:** Os três primeiros colocados em cada categoria terão os trabalhos publicados em antologia, que será lançada na 57ª Feira do Livro de Porto Alegre, e receberão 20 exemplares da obra e troféu. Informações através do telefone (51) 3235-1977. **Regulamento:** www.sintrajufe.org.br

XII Concurso Nacional de Contos de Araraquara "Prêmio Ignácio de Loyola Brandão", promovido pela Prefeitura de Araraquara, por meio da Secretaria Municipal da Cultura e Fundart, está com inscrições abertas até o dia 30 de julho. obrigatório o uso de pseudônimo. Cada autor poderá concorrer com, no máximo, três contos inéditos, digitados em uma só face do papel tamanho A4, espaço 1,5 entre as linhas, fonte Arial, tamanho 10, e com no máximo 15 páginas. Cada conto deverá ser enviado em três vias, devendo constar em cada uma delas apenas o título da obra e o pseudônimo do autor. **Premiação:** 1º: R\$ 1.000,00; 2º: R\$ 600,00; 3º: R\$ 400,00. Os dez primeiros contos selecionados serão publicados em livro, cabendo a cada autor vencedor dez exemplares. **Regulamento:** <http://www.araraquara.sp.gov.br/Pagina/Default.aspx?IDPagina=2526>

Prêmio SESC de Literatura, promovido pelo SESC – Serviço Social do Comércio, destinado a contos e romances inéditos, está com inscrições abertas até o dia 31 de agosto. Os interessados poderão inscrever apenas uma obra em cada categoria, que deverá ser enviada separadamente. O autor não poderá ter nenhum livro publicado na categoria em que se inscrever. Os originais deverão ser enviados em quatro vias encadernadas, com folha de rosto, na qual deverão constar apenas o TÍTULO da obra e o PSEUDÔNIMO, acompanhados de envelope lacrado contendo versão impressa da ficha de inscrição on line, comprovante de residência e certificado de autoria. O texto deverá ser digitado em apenas um lado da folha papel A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, estilo normal, na cor preta, parágrafo de alinhamento justificado, espaço entrelinhas duplo e com margens de 2,5 cm. Os romances deverão ter entre 130 e 400 páginas, com cada capítulo iniciando em uma nova página; os contos entre 70 e 200 páginas e cada texto deverá ser iniciado em uma nova página. **Pré-inscrição:** <http://www.sesc.com.br/premiosesc>. As obras somente poderão ser enviadas aos Departamentos Regionais do SESC do Estado de residência do candidato. **Premiação:** O vencedor de cada categoria terá sua obra publicada e distribuída pela Editora Record, com uma tiragem inicial de 2 mil exemplares, e terá direito a 10% do valor de capa da obra quando da sua comercialização em livrarias.

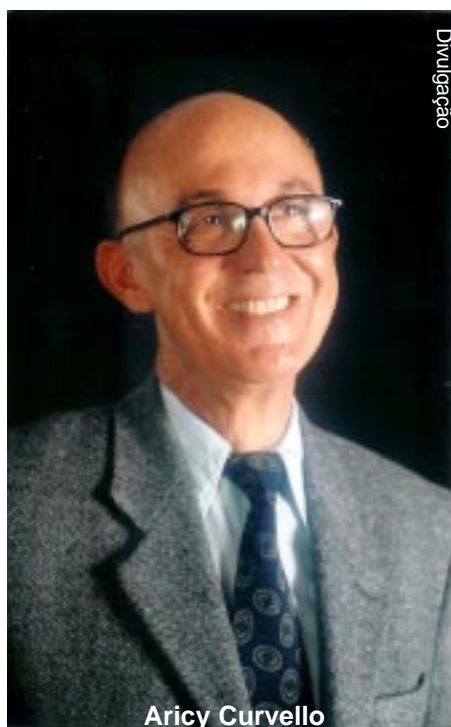
3º Concurso da Biblioteca Popular de Afogados está com inscrições abertas até o dia 30 de Julho. Os interessados poderão inscrever até seis poemas inéditos, de até três laudas, com tema livre. É obrigatório o uso de pseudônimo. Categorias: Juvenil (15 a 18 anos) e Adulto sem limite de idade. **Premiação:** Publicação em coletânea (entrega de 30 exemplares a cada autor selecionado). **Informações:** Tels.: (81) 3355.3122 e 3355.3123. **Regulamento:** <http://bibliotecapopulardeafogados.blogspot.com>.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares - Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Notícias



Aricy Curvello

Divulgação

A Fundação Biblioteca Nacional, em comemoração ao Dia da Imprensa, realiza exposição sobre fanzines *Os alternativos dos alternativos – da poesia marginal ao anarcopunk*, que reúne impressos da Geração Mimeógrafo e panfletos em papel tamanho A4, nos quais artistas publicavam suas poesias e textos de protestos. A maior parte da coleção de mimeógrafos poéticos foi doada para o acervo da Biblioteca Nacional pelo poeta Aricy Curvello. A exposição traz poemas de figuras como Geraldo Carneiro, Waly Salomão, Roberto Piva, Chacal, Leila Miccolis, Torquato Neto, José Carlos Capinan e Aricy Curvello. A mostra ficará em cartaz até o dia 5 de agosto, das 10 às 16 horas, no 2º andar da Biblioteca Nacional, Av. Rio Branco, s/nº, Centro, Rio de Janeiro.

Marcio Araujo de Sousa, irmão de Mauricio de Sousa, criador de personagens de sucesso nas historinhas da *Turma da Mônica*, como Bugu e Louco, faleceu, no dia 18 de junho. Márcio foi responsável pelo estúdio de som da Mauricio de Sousa Produções e compôs mais de mil músicas para os personagens.

Audálio Dantas doará a coleção de manuscritos de Carolina de Jesus, que foram transformados no livro *Quarto de Despejo*, para a Biblioteca Nacional. *Quarto de Despejo* foi publicado em 1960 com a ajuda do jornalista Audálio Dantas.

O Minidicionário Livre da Língua Portuguesa, editado pela Hedra, com mais de 35 mil verbetes, coordenado por M.M. Santiago-Almeida, pode ser baixado gratuitamente no site <http://hedraonline.posterous.com>

Carlos Guilherme Mota, historiador e professor da USP e do Mackenzie, foi agraciado com o *Prêmio Machado de Assis* da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da sua obra. Receberá a importância de R\$ 100 mil.

Merval Pereira, comentarista da Globonews e da CBN e colunista do jornal *O Globo*, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras para ocupar a cadeira de que pertenceu a Moacyr Scliar.

Vozes na Paisagem- II, 2011, antologia organizada pela Edições Galo Branco, será lançada no dia 1 de agosto, segunda-feira, das 17h30 às 19h30, na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. A obra reúne 69 poetas que mais se destacaram na primeira década do século XXI como Ferreira Gullar, Astrid Cabral, Aricy Curvello, Laura Esteves, entre outros.

A Menina do Sobrado, último livro de Cyro dos Anjos publicado em vida, foi lançado pela Editora Globo.

Gilberto de Mello Kujawski lançou *Machado de Assis por dentro*, pela Editora Migalhas.

Maria Antonieta Cunha, professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e ex-secretária municipal de Cultura de Belo Horizonte, é a nova secretária-executiva do Plano Nacional do Livro e Leitura.

O 2º Congresso Internacional CBL do Livro Digital, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, será realizado nos dias 26 e 27 de julho, no Centro Fecomercio de Eventos, R. Dr. Plínio Barreto, 285, em São Paulo.

Biblioteca Livre, software livre para gestão de bibliotecas da Fundação Biblioteca Nacional, está disponível na internet para download. Informações pelo telefone (21) 2220-9791.

Encontros com a ALB, promovido pela Associação de Leitura Brasil, será realizado no dia 15 de julho, na Faculdade de Educação UNICAMP, das 8h30 às 12h30 e das 14 às 18 horas. Informações e inscrições através do site <http://alb.com.br/encontros-com-a-alb>.

Flávia Savary lançou *Calma, Vítor Hugo!* no 13º Salão da FNLIJ, no Rio de Janeiro, pela Editora Mundo Mirim. www.flaviasavary.com

João Bolão, de Ricardo Ramos Filho, foi lançado pela Editora Melhoramentos, no dia 8 de junho, na Livraria Cultura, em São Paulo.

A Biblioteca Nacional completou 200 anos de serviços prestados à população no dia 13 de maio. A biblioteca foi aberta ao público quando D. João VI franqueou aos pesquisadores o acesso ao acervo real, dando início, assim, à abertura da BN ao público.

O Ministério da Educação distribuiu sete milhões de livros com erros gravíssimos para as escolas públicas da zona rural. Foram investidos R\$ 13,6 milhões na *Coleção Escola Ativa* que reúne 35 volumes. Será aberta uma sindicância para que sejam verificados os erros e prejuízos.

A Associação Brasileira de Editoras Universitárias elegeu nova diretoria para o biênio 2011-2013, que será presidida por José Castilho Marques Neto.

Abdias Nascimento, poeta, teatrólogo, ator, escultor e ensaísta, faleceu aos 97 anos, no dia 23 de maio, no Rio de Janeiro. Abdias foi integralista, deputado federal, senador da república, doutor honoris causa e defensor da consciência negra.

O Salão Nacional de Poesia Psíquica Poética, na sua 25ª edição, apresentará performances, recitais, exposições de filmes, entre outras atividades, de 26 a 29 de julho. Em São Paulo, no dia 26 de julho, terça-feira, na estação Paraíso do metrô, a partir das 18 horas, será realizado um evento que contará com a participação de Aroldo Pereira, Rosani Abou Adal, entre outros poetas.

O Centro Cultural Árabe Sírio promoveu, no dia 16 de junho, o lançamento do Dicionário Árabe-Português, de autoria do Monsenhor Dr. Alphonse Nagib Sabbagh, Editora Almadena. Na ocasião foi realizado um evento lítero-musical com a participação do Movimento Poético Nacional.

O Monstro e o Minotauro, de Laerte e Paulo Scott, foi lançado por Dulcinéia Catadora, no dia 16 de junho, na Merceria São Pedro, em São Paulo.



Márcia Pereira, Alice Spíndola e Sonia Salles

Alice Spíndola e Sonia Salles foram agraciadas com a Medalha de Mérito Cultural Austregésilo de Athayde da Academia de Letras e Artes de Paranapuã, no dia 26 de maio, na Casa das Beiras.

Aroldo Pereira lançará a 2ª edição de *Parangolivre*, no Espaço Cultural Haroldo de Campos - Casa das Rosas, no dia 28 de julho, quinta-feira, às 20 horas, em São Paulo.

Gente Pobre, primeiro romance de Dostoievski, traduzido por Luís Avelima, diretamente do russo, com orelhas de Mariana Ianeli e desenhos de capa de Oswaldo Goeldi, foi lançado pela LetraSelvagem, no dia 18 de junho, no Lugar Pantemporâneo. Foi realizada a conferência *A Importância de Fiodor Dostoievski para a Psicanálise e a recepção de sua obra no Brasil*, que teve como Integrantes da Mesa Edson Amâncio, Luís Avelima e Marcelo Ariel e, como mediador, Nicodemos Sena.

A Viagem de Tripitaca, xilogravuras chinesas, do colecionador Peter Hiller, estarão em cartaz de 1 de julho até 30 de novembro, de quinta a segunda, das 9 às 12 h. e das 14 às 17 h., na Casa da Xilogravura, Av. Eduardo Moreira da Cruz, 295, em Campos do Jordão. As 35 xilogravuras expostas relatam as peripecias do monge budista Tripitaca em sua viagem da China à Índia.

J.B. Donadon-Leal, Andreia Donadon Leal e Gabriel Bicalho tomaram posse na Academia de Letras e Artes - Monte do Estoril - Portugal, na categoria Acadêmicos Correspondentes Estrangeiros - Classe: Letras.

LIVRARIA BRANDÃO

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.lbususedbookshop.com.br